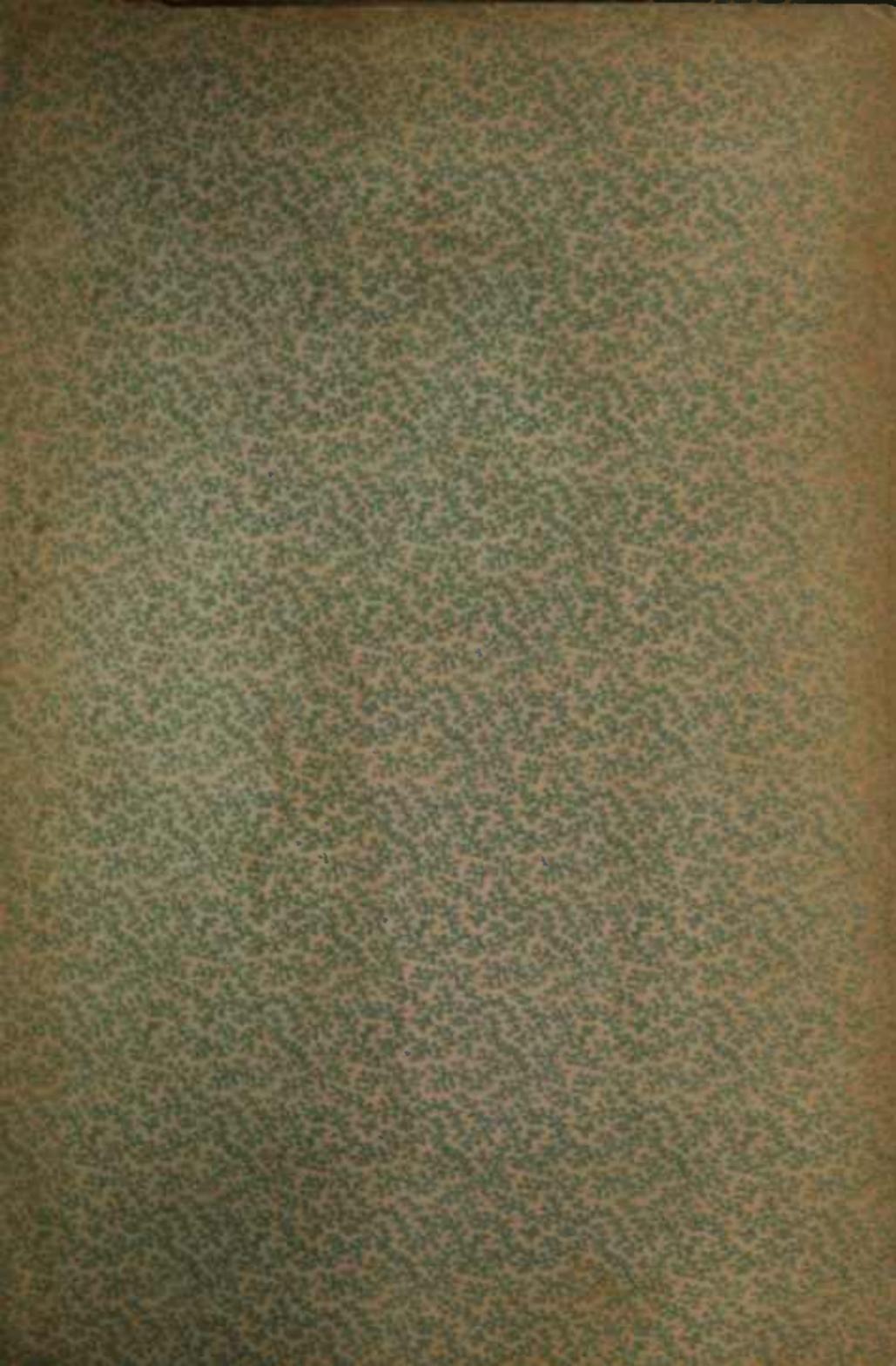




le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin









James F.arcy.  
1894.

# DEVANEIOS

Poesias

de

Afonso Celso Jor.



4696  
BIBLIOTECA DE ENLAPORALDO



A' MEU PAE

O Sr. Conselheiro

Afonso Celso de Assis Figueiredo



## ALLEIA-SEI-IR

**E**IS um livro de moço com todas as incongruencias e volubilidades de um Imaginar novel, de uma impressão facil e um sentimento vivaz.

Escripto em menos de 8 mezes, quando para o auctor mal assomavam os arreboes dos 17 annos, encerra, sem duvida, gravissimas incorrecções e numerosos defeitos.

Porque então publical-o?

Porque o auctor vendo o triste exemplo de tantos outros aos quaes o perpassar dos annos e o amadurecer do entendimento fizeram feuecer a flôr da inspiração, nelle tão debil, — teme que os cantares que agora se lhe afiguram soffriveis, tornem-se um pouco mais tarde descabidos e desaproveitados.

Filiei-me à eschoia lyrica: primeiro, porque a minha natureza assim o aconselhou; depois, porque me não acho ainda

com aprumo bastante para tentar a senda difficil do socialismo, nem com azas sufficientemente fortes para resistir ás lufadas da poesia collectiva nos adejos pelo horisonte das phantasias.

Canto o que sinto e vejo sem me atrever á tirar as illações.

Reconheço a extrema utilidade da poesia social que congrega os povos, encarece o assumpto, e como que imprime nas producções um character generico e despido de egoismo ; porém exigindo mais estudo e experiencia não pôde servir de norma á um estro que alvorece, á uma inspiração que apenas desabrocha.

Quando as illusões são vivas, as crenças ardentes, a alma ainda não maculada pelo pó dos realismos, pretenciosa e impropria seria a escola social :

Não existem nem podem existir, então, arrojadas methaphoras, lancinantes satanismos, pungentes ironias ; porquanto a inspiração nessa época da vida só se eleva nas azas dos placidos *Devaneios*.

S. Paulo, 3 de Outubro de 1876.

*Affonso Celso Junior.*



# NOTAS

## PREFACIO

Um dos talentos mais robustos e illustrados da actual Academia de S. Paulo, o Illm. Sr. Bacharel Carlos França, graciosamente se havia incumbido de escrever um prefacio Para este insignificante trabalho.

Em muito nos penhorára semelhante offerecimento, que, allém de subida honra, emprestava ao nosso livro titulos para despertar a attenção do publico, dando-lhe assumpto digno de leitura.

Infelizmente, porem, quando iamos reclamar satisfação desse compromisso, foi-nos communicado já se acharem impressas as primeiras paginas do opusculo, não permittindo assim a inserção do prefacio.

Grande foi o nosso sentimento que o leitor devidamente aquilatará.

Mas como o obsequio do Sr. Carlos França deixou de realisar-se por circumstancias imprevistas, consideramol-o como feito e enviamos ao intelligente academico sinceros votos de agradecimento.

# PRIMEIRA PARTE





## DEVANEIOS

---

**D**os momentos sombrios de tristeza,  
Quando afflictos me tremem d'alma os seios  
E vaga o meu pensar pela incerteza,  
— Leve barca no mar dos *devaneios*,

Quando rolam silentes dos meus ciliõs  
Os prantos agri-doces dos anceios,  
— Eu componho uns cantares, uns idylhos,  
— Filhos tristes dos tristes *devaneios*.

São esses que ahi vão. Pallidas flôres  
Nascidas no vergel de meus receios,  
Não exhalam perfumes, nem olôres  
Os pobres versos meus! os *Devaneios*!



Vós todos que nutris almos anhellos  
Nos sonhos irreaes de encantos cheios,  
Que viveis á formar lindos castellos  
No doirado paiz dos *devaneios*,

Que chorais si na treda soledade  
Das aves escutais ternos gorgeios,  
E que amais os aromas da saudade,  
Lêde, lêde, meus pobres *Devaneios*.

Sonhadores de vívos sentimentos,  
Amantes da utopia — percorrei-os  
Só vós entenderéis meus pensamentos  
Só vós entenderéis meus *Devaneios*.

São rimas sem valor: estro nascente  
Produziu-os sem formas nem torneios,  
Mas foi o coração — elle somente  
Quem dictou-me os humildes *Devaneios*.



# MÃE

A MAGALHÃES CASTRO

I

INH' alma quando pensa  
Na vida attribulada,  
Na chamma acerba, intensa  
Da lucta amargurada,  
  
E vê a luz da crença  
De nuvens circumdada,  
Morrer na treva densa  
Da magoa desvairada,  
  
Delira e desespera  
Sem ar, sem luz, sem norte  
Mais triste do que Job :  
  
Só nutre uma chimera  
— Que a mão da negra morte  
Transforme tudo em pó!.

## II

Mas logo um doce effluvio  
Meu ser inteiro invade :  
Socega a tempestade  
Se apaga o meu Vesuvio ;

Termina a escuridade  
Que foge n'um defluvio  
E eu nado n'um deluvio  
De grata claridade!

Então tudo serena :  
Resurge a estrella amena  
N'um céu azul sem fim :

— E' ella a mãe cuidosa  
Que reza fervorosa  
Pedindo á Deus por mim!

## III

Nas azas da lembrança  
Me vem seu pensamento :  
Transmitte-me a esperança  
M'infunde o brando alento!

Então nesse momento  
Que crença pura e mansa!  
Que meigo sentimento  
Que paz e que bonança!

E nossas duas almas  
Sandosas, porém calmas  
E unidas na oração,

Em myetico abandono  
Se prostram junto no throno  
Do Deus da Creação!

#### IV

Depois.... a nossa lida  
De novo recomeça:  
Da crença na promessa  
Repousa a incerta vida,

E a prece que não cessa  
De ser reproduzida  
Me deixa luz querida  
No seio d'alma, impressa!..

Então choro sósinho  
Por ella que distante  
No seu contente lar,

Não sabe do carinho  
Que em preito delirante  
Minh'alma lhe quer dar!

V

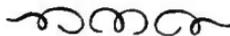
Mas breve, em curtos dias  
Oh céus! posso abraçar-a  
E ouvir-lhe a doce falla:  
Que sanctas alegrias!

Fugi melancolias  
Que o riso me avassala,  
Vesti roupas de galla  
Serenas phantasias.

Depois de longa ausencia  
Ditosos nos veremos!  
— Folgai anceios meus! —

— E em terna confidencia  
Contentes resaremos  
Orando ao Santo Deus!..

Setembro — 1876.



## DOLCE PENA

---



AGAR pelos negrumes,  
Das eras perpassadas,  
Soltando mil queixumes  
Por crenças desfolhadas :

Revêr os roseos lumes  
Das idas alvoradas ;  
Sorver brandos perfumes  
De flores já crestadas ;

E muitas vezes triste  
Prender o pensamento  
Dos mortos na cidade...

Eis tudo em que consiste  
O meigo sentimento  
Que chama-se — a saudade!...



## ANJO DO LAR

---

**C**ONHEÇO um anjo bom de loiras tranças,  
Formoso como os brilhos da manhã,  
Que sempre me apontava as esperanças  
Da existencia no meio das provanças  
E era minha irman.

Quando eu tinha cruel melancolia  
Pensando nesta vida falsa e van,  
Ao pobre peito meu sem alegria  
Confortos joviaes trazer podia  
Sómente minha irman.

Si minh'alma pensava scismadora  
Nas dubias incertezas do amanha  
Quem é que me guiava seductora,  
Como fulgente estrella conductora,  
Quem era? Minha irman!

Poisava em minha fronte entristecida  
Seus labios côr dos bagos da roman,  
E dizia: Que dôr te afflige a vida?  
Sorri-te si não queres que sentida  
Soluçe a tua irman...

E sumiam-se logo os meus pezares,  
Minh'alma revivia boa e san  
Aos raios divinaes desses olhares,  
A' voz da Margarida de meus lares  
A' voz de minha irman..

Modulavam meus labios doces hymnos  
Quando eu via á sorrir leda e louçan  
A flor mimosa dos jardins divinos,  
A creança de encantos peregrinos  
A minha loira irman!...

Quando olhava seu rosto feiticeiro  
Trahindo-lhe as virtudes de christan,  
Com orgulho sincero e verdadeiro  
Contente eu me sorria prasenteiro  
Por ter tão bôa irman!....

Mais doce do que o mel dos céus mandado  
Para os filhos de Deus em Chanaan,  
Era o beijo de amôr e casto agrado  
Que eu dava nesse rosto assetinado  
De minha linda irman!

Em terras de meus lares tão distantes  
Contra o mal tenho sempre um talisman  
Nas lembranças perennes e constantes,  
Nas scismas de saudade palpitantes  
Que voto á minha irman!

Conserve-a pois o céu. Si um dia á meta  
Dos sonhos attingir meu rude affan,  
Descançando em seu collo a fronte inquieta  
Depôrei minhas palmas de poeta  
Aos pés de minha irman!.

Junho — 1876.



## SCENA DA ROÇA

---

**A** frente vae seguindo a mula ornamentada  
Que serve de madrinha ao lote do tropeiro  
E este mais atraz na besta jaezada  
Dirige toda tropa e falla sobranceiro.

Apressa a cavalgada o passo dianteiro  
Levantando em bulções o pó da bronca estrada,  
Quando subito assoma em frente do balseiro  
O vulto de uma cruz sinistra e abandonada.

Ao vel-a se descobre o rude caminhante,  
Faz andar a tropilha, apeia-se e sosinho  
Dirige-se ao balseido humilde e commovido,

Mormurando orações de fórma extravagante  
Vae um seixo apanhar ao longo do caminho  
E depõe-no ao pedal do lenho enegrecido!

Outubro — 1876.



## CONSTANCIA

---

**Q**UANDO morreu seu noivo Alice em prantos  
Pela vida sentindo só desdem,  
Olvidou deste mundo os mil encantos  
E quiz morrer tambem!

Tendo n'alma profundo desalento  
Saudade e nuvens negras de pezar,  
Dia e noite com vivo sentimento  
Chorava sem cessar.

Mas volvendo-se o tempo no seu rosto  
Novamente o prazer appareceu,  
Findou-se pouco a pouco seu desgosto  
Seccou-se o pranto seu.

---

Alguns annos mais tarde Alice um dia  
Visitando dos mortos a mansão,  
Viu a campa do noivo erguida e fria  
Na triste solidão.

Brotara junto á lousa flôr singela  
Que todos desdenhavam de colher...  
Nascera em cemiterio... Pobre della  
Devia ali morrer!

Alice olhou-a terna e caridosa,  
Lembrou-se sem chorar do antigo amôr,  
Vacillou indeciza... e receioza  
Não quiz colher a flôr!

Junho — 1876.



## REVÉRIE

---

**E**u tenho aureas riquezas,  
Palacios encantados,  
De sedas tapizados,  
Suberbos de bellezas.

São todos habitados  
Por fadas e princezas  
Que banem-me as tristezas  
Me dando seus agrados...

E desses regios paços  
Sabeis quem deu-me o imperio,  
Quem deu-me a sultania?

— A deusa que nos braços  
Me leva ao mundo ethereo.  
Seu nome é — phantasia!

Agosto — 1876.



## Q VELHO

---

CONHECIA os segredos desta vida,  
Tinha amena expansão nos risos francos;  
Na orgulhosa cabeça encanecida  
Deixara o tempo seus vestígios brancos!

Levemente encurvara o nobre vulto  
Da existencia ante as magoas e os pezares :  
Via-se o fogo d'um ardor occulto  
Na fervente expressão de seus olhares.

Contava que jámais na vida inteira  
Sentidos prantos derramado havia,  
Conservara attitude sobranceira  
No meio da desgraça e d'agonia.

Quer brilhasse o sant'elmo da ventura  
Quer da desdita soluçasse o vento,  
O velho tinha a mesma compostura  
Não mostrava mais vivo sentimento.

Mas no dia em que a filha carinhosa  
Levou-o junto ao berço do filhinho  
Trahiu seu rosto uma expressão ditôza  
D'ineffavel prazer e de carinho :

Contemplando as feições e a fôrma rara  
Do neto que em socego dormitava :  
— O velho rijo que jámais chorara  
Convulsivo tremia e soluçava !.

Outubro — 1876.



## A ESMOLA

---

**Q**UANDO eu era pequeno ao ir á escola  
Passava pela casa de um coitado,  
Que jazia n'um leito abandonado  
Só tendo por auxilio exigua esmola!

Ia sempre depôr n'uma saccola  
Que o triste conservava junto ao lado  
Um presente mesquinho porém dado  
Com a crença singela que consola.

Mas um dia encontrei seu quarto ermo,  
E chorando indaguei com voz dolente  
Porque vazio estava o pobre lar :

Alguem me respondeu : „ o velho enfermo  
Podia tanta esmola á toda gente  
Que emfim, — Deus fez-lhe a esmola de o chamar.



## A AVÓ

---

**E**LLA tinha nas faces a velhice,  
No rosto uma expressão de eterno agrado,  
Nas éras que lá vão da meninice  
Me contava as legendas do passado!

Um dia me fallando com meiguice  
No longinquo futuro enevoadado,  
„ Nos tempos que hão de vir, ella me disse,  
Só por vós, filhos meus, tenho cuidado.“

E certo eramos nós sua esperança,  
Seu viver, seu pensar, sua alegria  
Nesta vida terrestre tão veloz.

Por isso agora que no céu descança  
Não devemos temer a romaria  
Que ella vive a velar por sobre nós!



## A PTHYSICA

---

**D**a coitada o existir chegava ao termo  
Nascia a noite, descambava o dia,  
Mas a triste o rigor do estado enfermo  
Nem siquer suspeitosa apercebia!

Creança que caminha sem cuidado  
Não olhando o sarçal infenso e rude,  
Não via o trilho; tinha o olhar fitado  
Nas estrellas do céu da juventude.

Parada nos humbraes da sepultura  
Da esperança ostentava o misticismo:  
— Rosa que vae abrir-se bella e pura  
E resvala entretanto em negro abysmo.

E dizia: „oh eu quero as lindas festas  
Do baile ameno as delirantes dansas.

Para longe fugí sombras funestas  
Que minh'alma transborda d'esperanças.

„ Certamente amanhã nada mais tenho  
Desta leve molestia dolorida,  
Então contente em fervoroso empenho  
Fruirei as delicias desta vida “

---

Coitada! N'outro dia a mão da morte  
As cortinas correu-lhe do existir:  
Na hora extrema de agonia forte,  
Fallava ainda de mais leda sorte  
De futuro, esperanças e porvir!

Setembro — 1876.



## AS ORAÇÕES

---

**Q**UANTO'RA minha Mãe as rezas me ensinava  
Fazendo-me aprender extensas orações,  
No collo me retinha e meiga me fallava  
Dos anjos lá do céu, de suas perfeições.

Então eu lhe dizia : „ oh Mãe porque me ensinas  
Tão longas orações que fazes decorar,  
As preces usuaes que sanctas denominas  
Em vão quero entender, não posso apreciar “

E ella me volvia: em breve, em curtos annos  
Das rezas o sentido, oh filho, saberás,  
— Bem cedo se conhece o mundo e seus enganos,  
As preces que ensinei então attenderás!

Correu veloz o tempo : agora se na vida  
Das magoas e afflicções me envolve o negro véu,  
Eu acho tão sómente allivio á dôr sentida  
Nos rogos que dirijo ao Deus que habita o céu !

Por isso digo sempre : oh Mãe sejas bemdita,  
Porquanto me ensinando orar ao sancto Deus,  
Pozeste na minh'alma origem infinita  
De alento perennal e allivio aos prantos meus !

Julho — 1876.

~~~~~

## A MISSA

**A**o altar o sacerdote mesto e grave,  
Do missal as paragens percorria,  
E um murmúrio de branda melodia  
Suspirava do templo pela nave.

Derramavam os cirios luz suave  
Que dava aos corações melancolia ;  
E a turba ia dizendo : Ave Maria  
Virgem - Mãe do Senhor tres vezes ave !..

Subiam para o ar nuvens d'incenso ;  
Qual o extremo aneiar de moribundo  
Do órgão soluçava um ai extenso.

Nos olhares se lia amor profundo,  
E todos a rezar no enlevo immenso  
Longe estavam das magoas deste mundo.

Outubro — 1876.



## INNOCENCIA

---



ERTIA o pobre infante pranto infindo,  
Trajando da orphandade as negras vestes,  
Quando a Mãe no caixão ia partindo  
Para a fria morada dos cyprestes.

Sozinho á soluçar, d'uma janella  
Via aquelle apparatus mortuario,  
Dos carros que seguiam atraz della  
Formando-lhe o cortejo funerario.

Cheguei-me e perguntei-lhe commovido  
Porque tão tristemente assim chorava  
Si entendia esse golpe dolorido  
Que tão cedo a existencia lhe enlutava.

Respondeu-me estendendo as mãos afflictas :  
„ Que festa curiosa, oh meu amigo,  
Minha mãe vae vêr cousas tão bonitas  
— E não quiz me levar junto comsigo “

-  
Agosto — 1876.



## NA FAZENDA

---

**D**ORME ainda a fazenda : ao longo da varanda  
Repousa o boiadeiro em couros estendidos ;  
Desponta no horizonte aurora froixa e branda  
No meio do terreiro um cão solta ganidos !

Mas nisso derepente escutam-se alaridos  
D'um sino que desperta estruge a voz nefanda ;  
Começam a soar conversas e ballidos  
E a ordem de rigor que rude aos negros manda !

Chegou o começar das lides e trabalhos  
Resoam do feitor os brados e os ralhos :  
A boiada desfila á porta do curral

Os pretos esfregando os olhos somnolentos  
Levando samburás lá vão á passos lentos  
Da porta da senzalla ao denso cafezal !

Outubro — 1876.



## **A** MOÇA QUE NÃO RIA

---

**S**EM JÁMAIS a viram rir. Na fronte sua  
Pairava eternamente a morbidez,  
Quer fosse dia, quer brilhasse a lua  
Sempre estava embebida na tristeza.

Zombavam todos della : appellidavam  
O desgosto fatal que a perseguia  
De tolos romantismos e mofavam  
Da moça triste que jámais sorria.

Ella á tudo escutava socegada  
Sem fazer de desgostos um movimento,  
Respondia aos gracejos delicada  
Fitando o meigo olhar no firmamento.

Mas um dia houve grande novidade  
Que fez espanto d'alvoroço infindo ;  
A joven que não tinha mocidade  
Despertara cantando e rindo. rindo...

Accudiu a familia ao rir vibrante  
De longa entonação, soturna e rouca,  
Mas viu um quadro de pavôr tocante ;  
— A moça que não ria estava louca!!

Agosto — 1876.



•

## ROSA

---

**R**OSA colhia sosinha  
Lindas rosas no jardim,  
E nas faces tambem tinha  
*Rozas* da côr do carmim.

Cheguei-me e disse-lhe : Rosa  
Qual dessas rosas me dás ?  
As da face primorosa  
Ou essas que unindo estás ?

Ella fitou-me sorrindo,  
Inda mais enrubeceu,  
Depois ligeira fugindo  
De longe me respondeu :

„ Não dou-te as rosas das faces  
Nem estas que tenho á mão.  
Daria — si me estimasses  
As rosas do coração! “

Setembro — 1876.



## CANDIDEZ

---

**D**o oratorio no limbo claro-escuro  
Sosinhos dois infantes conversavam  
E um Christo respeitoso contemplavam  
Que pendia suspenso ao velho muro.

Dizia o mais pequeno com surpresa :  
„ Na face de Jesus que acerbas dôres.  
Me conta meu irmão que dissabôres  
Assim ao Pae do Céu causam tristeza.

Reflectiu o mais velho alguns momentos,  
De profundo scismar no enleio brando,  
Após isso volveu, o olhar passeiando  
Do Christo pelos traços macilentos :

„ Não te lembras?... A Mãe nos disse ha dias  
Que fazemos immensas travessuras..  
— Pois de certo d'ahi vem as torturas  
Que produzem do triste as agonias.“

Soluçando fitaram-se os coitados  
Parecendo soffrer pezar immenso,  
No acerado pungir de ardor intenso  
Tinham n'alma o remorso dos culpados!

---

Mas instantes após lia-se um mixto  
De esperança e de enlevos luminosos  
No somno dos *dois grandes criminosos*  
Que faziam chorar ao doce Christo!

Outubro — 1876.



## IRMANS

---

**D**LHAI que linda scena  
Que quadro encantador ;  
— Diviso uma açucena  
Nas mãos de uma outra flôr

Rivaes na vida amena  
No viço e no frescor,  
Tem ambas côr serena,  
Tem ambas puro alvor !

Mas uma só germina,  
No prado — junto á rosa  
Na veiga entre os jasmims ;

E a outra. E's tu menina  
Que brincas descuidosa  
Da infancia nos jardins !



# REALISMOS

---

## HORAS DE SPLEEN

---

### I

**D**e sei que seu olhar possui veneno  
Que mata com terrível fingimento,  
Não ao corpo mesquinho, vil, pequeno  
Mas ao filho da luz — ao pensamento!

Que em seu peito não brilha um sentimento  
Nem desbrocha sequer um lyrío ameno,  
Que contente vivera sem lamento  
Lá nos torpes harens de um serraceno!

Que su'alma traz sempre um véu escuro  
Mais negro e mais sombrio do que o manto  
Que envolve da Calabria ao salteador!

E.. sem pena os laureis de meu futuro  
Sorrindo dar-lhe-hia no entretanto  
Si apontar-lhe pudesse a luz do amor!

## II

Polluta... mas qu'importa? as fórmãs de I hrynéa  
Possuem um condão que prende e que arrebatã...  
Vacilla, palledeja a luz da clara idéa  
Perante o seu primor que attrahe.. captiva.. e mata.

Polluta.. sim que importa? a humilde Traviata  
De corrupta se torna altiva semi-dea  
Quando a chamma do amor, fortissima, insensata  
Dá vida á gelidez da fria Galateia!

Quem sabe aquelle peito encerra a luz amena,  
Do puro sentimento a flôr sempre mimosa  
Que á mingoa de orvallhada expira em embryão?..

— Quero, pois, revivel-a e á bella Magdalena  
No fogo que me abraza a mente desejosa  
Fazer ressuscitar o morto coração!

### III

Nos seus doirados sonhos de menina  
No seu grato scismar de juventude  
Jámais irradiante e peregrina  
A imagem lhe apparece da virtude!

O funesto fanal que lhe illumina  
Tem um brilho fallaz que muito illude  
E talvez do ideal de Messalina  
Constante lhe persiga o imperio rude!

Brilhante que cahiu no immundo lodo,  
Luzeiro que cercou-se de negrumes,  
Deidade que vacilla sem altar :

Seu antigo fulgor voltara todo  
Se avivasse no peito os debeis lumes  
Desse fogo irreal que faz amar!

IV

Não ! embora de luz se inunde escuro peito,  
Embora o coração palpite bonançoso,  
Perante luz mais viva e brilho mais perfeito  
Se cala a debil voz do brado generoso.

O sol que civilisa extingue o preconceito  
Bannindo para sempre o disco tenebroso :  
Mas conserva-se ainda e faz bem triste effeito  
Um ponto de negror no quadro esplenduroso !

Tens razão sociedade : altares á virtude  
Desprezo e menoscabo ao limbo infenso e rude  
Onde a flôr da desgraça expande effluvios seus !

Popeas que gozaes dos luxos lá da Asia,  
Corinas divinaes, visões da bella Aspasia  
Vosso fado é viver — sem ar, sem luz, sem Deus !

Outubro — 1876.



## O Anjo do lar

Julgavamos com toda a boa fé que a composição com o titulo acima, (pag. 10) fosse completamente original.

Mas, ao lermos ha dias — *As Primeiras Estrophes* —, precioso folheto com que o Sr. José Avila de Miranda Ozorio conquistou o titulo de verdadeiro poeta, encontramos a poesia— *Nossa írman*, que encerra uma idéa semelhante.

Ao joven escriptor pedimos desculpa pela inserção do — *Anjo do lar*, que jámais poderá hombreiar com a sua mimosa producção.

---

## Darkness

A poesia assim intitulada (pag. 49) foi composta em S. Paulo no começo do anno passado.

Bem como ao *Anjo do lar*, acreditavamos que fosse perfeitamente original.

Porém, n'um jornal francez, vimos ha mezes algumas estrophes que trazem idéa analoga e assumpto quasi identico.

Que não nos acoimem de plagiario, attenta a differença de datas.

Fazemos esta declaração porque consideramos o plagiato como falta gravissima e inconsciencia imperdoavel.

Preferimos produzir pouco e rastejar na obscuridade á cingir a frente com os louros roubados á alheias glorias.



# ENGANO

---

Á **B**ITTA DE **C**ASTRO

---



VIA n'um leito estendida  
Serena e calma á dormir,  
De brancas roupas vestida  
E tristemente a sorrir.

Tinha as mãos postas ao peito  
N'uma attitude gentil,  
Como si em sancto respeito  
Rezasse prece infantil.

Seu pensamento inconstante  
Bem ledas scismas talvez  
Agitavam nesse instante  
Dos sonhos na languidez.

Grinalda de niveas rosas  
Prendia os cabellos seus,  
Mas nas faces primorosas  
Que pallidez—Sancto Deus !

De uma doçura infinita  
Tinha na fronte o fulgor ;  
Como ella estava bonita !..  
Que quadro tão seductor !..

.....

Mas este somno profundo  
Jámais devia findar...  
Seus sonhos—aqui no mundo  
Quem os pudera contar?!

De noiva estava trajada,  
—Era um sudario o seu véo.  
Sorria tão socegada  
Mas... era aos anjos do céo !

Dormia. De grata sorte  
Talvez gozando a illusão ;  
Mas o seu somno era—morte  
Seu leito frio—um caixão !.

Maio — 1876.





**L**uz que cegou scintillando esquivã,  
Flor que expande os effluvios da desdita,  
— Tens a belleza magica — infinita  
? Que me prende...me arrasta—e me captiva...

Lyrio funesto de primôr estranho,  
Cujõ aroma exquesito m'inebria,  
Quem te deu o condão que me extasia?..  
Quem foi que deu-te esse poder tamanho?

Serás a virgem — morta que se entrega,  
Nas noites lindas que o luar realça.  
Aos gyros loucos de uma infrene walsa  
Nos vallados da fria Noruega?.

Serás um Mephistopheles moderno  
 Que procura faminto um holocausto  
 E deseja levar-me, novo Fausto,  
 Para os tormentos de um supplicio eterno?..

Serás o genio máo que á horas mortas,  
 Quando tudo é silencio no retiro,  
 Assassina nos beijos de vampiro  
 Vencendo o estorvo das fechadas portas?..

Serás?.. mas oh! qu'importa? aos teus olhares  
 Minh'alma triste que por ti padece,  
 Toda inteira se agita e estremece  
 Como presa de fluidos singulares!.

A larva da paixão já me consome,  
 Sei que teu brilho apontará o abysmo...  
 Mas qu'importa? Do ardor no paroxismo  
 Hei de segui-o a repetir teu nome.

Como a rola mimosa que suspira  
 O mesmo canto do viver ditoso,  
 Quando á margem do rio marulhoso  
 Abre as azas. convulsa... e após expira,

Assim, esta minh'alma delirante  
 Que sómente por ti foge da vida,  
 Ha de dar-te canção agradecida  
 Quando soar-lhe o derradeiro instante!!...

Novembro — 1876.



# SEGUNDA PARTE





*A* \* \* \*

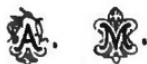
---

Dou-te estas flôres; desbrocharam tantas  
Nas alvoradas de uns sorrisos teus!...

*Ezequiel Freire.*

# DARKNESS

---



A large, highly decorative initial 'EU' in a gothic script, with elaborate flourishes extending downwards and to the left. The letters are intertwined and feature intricate scrollwork.  
EU Deus bem negro fado  
Sem duvida seria,  
— Por morto ser tomado  
Alguem qu'inda vivia;

Sentindo-se gelado  
De susto e d'agonia  
No feretro encerrado  
Baixar á campa fria!...

Mas oh! inda é mais triste  
(Porém eu sou altivo  
Não peço compaixão...)

— Sentir que o corpo existe  
Mas é sepulchro vivo  
De um morto coração!.

Abril — 1876.



## MINIATURA

---

A' CARLOS FRANÇA

---

**S**'UM divan *ella* estava reclinada,  
E toda entregue á tropical molleza  
A cabeça apoiava com tristeza  
No setim côr de rosa d'almofada.

Ao lado na poltrona elle se achava  
Guardando respeitosa compostura:  
D'um romance fazia-lhe a leitura  
Que, por vezes sorrindo, ella escutava.

Da janella a entre-aberta pèrsiana  
De luz deixava entrar um tenue raio  
Que ia tremendo em irreal desmaio  
Brincar no adamascado da ottomana.

---

Avançava a leitura e ella ouvia  
No chão roçando com o pé fremente,  
Quando ouviu-se o ruido de repente  
D'uma cousa pequena que cahia.

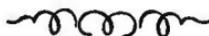
Era a liga da moça embevecida  
Que desprendendo seu gentil colchete  
Cahira e resvalara no tapete  
Sendo logo do moço apercebida.

Sem deter-se elle foi seguindo o enleio  
Que no rosto da joven desenhou-se  
E a nuvem de rubor que ás faces trouxe  
Da pudicicia o virginal receio.

Por deferencia á que o recato obriga  
A moça inda escutou alguns momentos,  
Reprimindo os confusos movimentos  
Não ousando siquer fitar a liga.

Porém elle apanhou-a n'um relance  
Sorrindo deu-a á bella vergonhosa  
Murmurando com voz maliciosa :  
„ *Morbleu! — honny soit qui mal y pense!*

Outubro — 1876.



## NO TEMPLO

---

**F**UE linda estavas tu hontem na missa  
Tremendo no fervor da devoção,  
Com os olhos nadando em morbidez  
E dizendo baixinho uma oração!

Eu queria rezar e não rezava,  
Desejava pensar sómente em Deus ;  
Mas minh'alma na prece não se erguia  
Pois prendida se achava aos olhos teus.

Quando o padre elevando a hostia sancta  
Fez da campa soar a melodia,  
Levei a mão ao peito e tremi todo  
Sentindo o coração como batia.

E todos nesse instante dentro d'alma  
Tinham crença ideal que as preces davam,  
Só á mim que fitava-te constante  
Profanos pensamentos agitavam!

Mas ah! não foi peccado, não foi crime  
Na missa te fitar como fitei :  
— Na igreja só se pensa em Deus... nos anjos  
Por isso em ti pensando eu não pequei!

Maio — 1876.



## §ADNESS

---

**U**M fundo sentimento,  
Constante a dominar,  
Me occupa o pensamento  
De modo singular.

No tredo isolamento  
Dos ermos e no lar,  
Não deixa-me um momento  
Me segue sem parar

E faz-me verter pranto  
Mas brando, sem dureza  
Nem travos d'ironia..

O nome seu, portanto,  
Não é. não é tristeza  
Mas sim — melancolia!

Abril — 1876.



## MODERNICES

---

**T**EUS grandes olhos escuros,  
Menina dos meus cuidados,  
Me rasgam largos futuros,  
Me apontam sonhos doirados!

„ Em minh'alma vivem flores  
Que existem sem ter valia,  
Pois não conhecem as côres  
Dos brilhos de um claro dia.

„ Jazem todas nos negrumes  
Da noite das afflicções,  
Soltando fracos perfumes  
Que fogem nas virações.

„ E como as meigas boninas  
As flores d'alma tambem,  
Vegetam tristes, mofinas  
Si affagos de um sol não tem!

„ Mas a luz de teus olhares  
Torna essas flôres gentis,  
Rompe-me o véu dos pezares  
E ás tristes manda o matiz!

„ Portanto teus olhos puros  
Nos meus tem sempre fitados  
Oh! guia de meus futuros,  
Menina dos meus cuidados!

—

— Ella escutou-me calada  
Todo o plangente lyrismo,  
Mas no fim deu gargalhada  
Do mais fiel satanismo.

Depois no olhar, sem detença  
Fez rindo.. sabeis o que?...  
— Velou-o na nuvem densa  
Dos vidros de um *pince-nez*!!

Agosto — 1876.



A ANTONIO PEDRO

---

*(Poesia recitada no theatro S. Jose a 5 de  
Outubro de 1876).*

---

**E**IS o artistico ideal que ha tanta eu alentara :  
Meu sonho vaporoso agora resplendece  
E torna-se real a imagem pura e rara  
Que entre arroubos formei: minh'alma a reconhece.

E' elle ! O genio immenso a gloria lhe prepara,  
Da arte sublimada o arcano lhe esclarece  
E a deusa que deu crença ao bardo de Ferrara  
Lhe manda inspirações se acaso elle esmorece !

**Artista!** me apontaste um mundo de esplendores,  
Desbrochaste em meu peito um novo sentimento,  
Do bello me apontaste o nobre e justo apreço :

**A's visões** do poeta encheste de fulgores :  
Lhes dando fórma e gesto e vida e movimento.  
Prometheu te saudo—oh! genio eu te agradeço !





## LAMPARINA

---



U amo a luz serena  
Da meiga lamparina  
Que brilha pequenina  
Com vivo scintillar;  
Velando tão sosinha  
N'alcova socegada  
Qual guarda da morada,  
Qual anjo tutelar.

A luz deslumbradora  
Dos lustres fascinantes  
Só dura por instantes  
Não custa a se extinguir;

Mas vêde — a lamparina,  
Mimosa e tão singela,  
Constante sempre véla,  
Não deixa de luzir !

Sómente quando surge  
No ceu a madrugada  
Da meiga luz dourada  
Findando-se a missão,  
— Despede um raio intenso,  
Parece que delira,  
Soluça. arqueja.. expira  
Com vivido clarão !

Meu Deus quantos mysterios  
Não sabe essa luz triste,  
Que scenas não assiste  
Podendo a todas vêr ? !  
Porem nada revela,  
Discreta, confidente,  
A' tudo vê — silente  
Contempla sem dizer !

Da virgem descuidosa,  
Prostrada pelo somno,  
Que dorme em abandono,  
Jazendo em languidez,

Escuta os mil segredos  
Dos sonhos indiscretos,  
Conhece os seus affectos  
Mas guarda-os em mudez!

Da luz aos raios froixos  
As fórmãs primorosas  
Parecem mais formosas,  
São quasi divinaes:  
As faces tem mais côres,  
Os olhos tem mais lumes  
As tranças mais perfumes,  
Encantam muito mais!

Eu amo a luz serena  
Da meiga lamparina  
Que véla peregrina  
Nas noites lá do harém;  
Que assiste á tantas scenas..  
Contempla tudo quieta  
E apóz... muda e discreta  
Não conta-as á ninguem!

Junho — 1876.



## A LOCOMOTIVA

---

**A**GUAR biavio que fugir procura,  
Galopando em carreira ardente e viva,  
— Do matto espesso pela trilha escura  
Vae correndo a veloz locomotiva :

A' espaços estremece convulsiva ;  
N'um lampejo fugaz então fulgura,  
E a fumaça do arfar—envia, altiva,  
Juntar-se ás nuvens d'azulada altura.

Ruje por vezes com a voz rouquenha  
Que faz á onça estremecer de medo  
Na furna que lhe serve de guarida :

Responde ao longe a retumbante brenha,  
E a boiada que pasta no varzedo  
Pelos campos dispara espavorida !

Outubro — 1876.



## DELIRIO

---

**S**ER o dono dos dois negros brilhantes  
Que se engastam no marmor de *seu* rosto  
E os goivos olvidar do meu desgosto  
Vendo a flor dos *seus* labios palpitantes.

Pagar-lhe doidamente o meigo imposto  
Que se deve aos anceios delirantes,  
E prender-me nos elos ondulantes  
Do seu cabelo em desalinho posto,

Vestil-a de uma clamyde de beijos...  
— Seria o eterno fim dos meus desejos  
O bem supremo que meu ser anhella!

Oh! Si fossem reaes meus sonhos vagos  
Ia matal-a em delirar de affagos,  
E após.. morria de saudades della!...

Setembro — 1876.



# VOZES INTIMAS

---

## I

**A** hora da partida,  
N'aquelle dia infausto,  
Chorava commovida,  
Me unia ao peito exausto!

Dissereis Margarida  
Gemendo ao pé de Fausto  
E a victima esquecida  
Depois d'um holocausto!

E agora.... delirante  
Padeço qual o Dante  
E ella folga e ri....

Tão longe, doce Christo,  
Nem sabe si eu existo  
Nem sabe si eu morri!.

---

II

Quando assim me persegue um negro pèzadelo  
Nas trevas de minh'alma agitam-se uns desejos  
E louco eu almejára, insano, ardendo em zelo,  
Crestar-lhe a flor da vida ao fogo... de meus beijos!

Depois... triste medito e fria como o gelo  
Minh'alma vai perdendo os lividos lampejos,  
De gelado suor se molha o meu cabello  
E surgem do remorso os funebres cortejos!

Então não mais invejo o tredo Lovelace :  
Da magoa que dementa o archanjo me abandona  
E della me apparece a imagem peregrina.

Silentes vão correndo os prantos pela face  
E ajoelhar-me quizera aos pés desta Madona  
Bem como Raphael aos pés da Fornarina!.

---

III

Qu'importa linda ingrata  
A magoa que me opprime,  
Si o riso te arrebatá  
N'um extasis sublime?

Do mal que aneia e mata  
Qu'importa o acerbo crime?...  
— Minh'alma é timorata  
Seus transes não exprime.

Oh pallida Francesca  
Na vida romanesca  
Te guie Jehovah.

Agora não reflecte:  
Serás a Deruchette  
Serei teu Gilliat!

---

IV

Não Hermengarda! huri dos meus fervores,  
Feiticeira visão que tanto enlevas:

— E' triste vêr-se o dia e seus fulgores  
E após cercar-se das mais densas trevas!

Despe o manto fallaz d'infidas Evas,  
Vem de minh'alma cultivar as flores,  
Feliz tu viverás eras longóvas  
No mimoso vergel de meus amores.

Quero sonhar á luz dos teus olhares,  
M'inebriar no olor de tuas tranças  
Solettrar a ventura em teu sorrir!

Das incertezas nos furentes mares  
Voga o batel de minhas esperanças:  
— Dá-lhe um raio de luz para seguir!

---

V

Sim! um raio de luz! os devaneios  
Que minh'alma de moço vai formando,  
Carecem no caminho dos receios  
D'um amigo fanal que os vá guiando...

Qu'importa os sonhos de attractivos cheios,  
Que vale a crença de aspirar mais brando,  
Si á tamanho almejar e á taes anceios  
Não responde uma estrella scintillando?.

Luz. eu quero mais luz, Goethe dizia,  
Na hora derradeira de agonia  
Vendo o sol da existencia descambar!

Tão alto desejar eu não alento:  
— Quero pouco, bem pouco e me contento  
Com a luz que scintilla em teu olhar!

VI

Si o brilho esplenduroso  
Um dia despontasse  
E o sonho vaporoso  
Verdade se tornasse.

Talvez que bem fugace,  
No céu azul do gozo,  
Risonho me brilhasse  
Da gloria o sol formoso...

Talvez... mas as tristezas  
De horrivel anciãdade  
Produzem morbidez

Pergunto — e as incertezas  
Com trega crueldade  
Só dizem-me — talvez !!.

---

## VII

Oh Ceus! quantos mysterios  
Se occultam n'um talvez....  
— Vergeis e cemiterios  
Sorriso e hediondez!

Dos meus sonhos ethereos  
Na grata languidez,  
Não soffre esses imperios  
A rispida avidiez!

Oh virgem de Murillo  
Quizera dar-te os lyrios  
De minha primavera,

E o deslisar tranquillo  
Da vida sem martyrios  
Quizera.. oh sim! quizera....

---

VIII

Quizera, oh Beatriz, contar-te que segredos  
Se occultam do viver na longa romaria,  
Sobre ti desfolhar as rosas d'alegria  
Quando aos labios surgir-me o riso dos folgedos !

Por noites de luar as trilhas da floresta  
Comtigo percorrer, envolto em grata scisma,  
Só vendo da existencia as flores pelo prisma  
Que doirado nos mostra o brilho, o canto e a festa !

Depois, sonhando sempre, erguer lindos castellos  
No longinquo paiz de aerios devaneios,  
E chorando apontar-te as nuvens de receios  
Que turbam do poeta os timidos anhellos !

Quizera me algemar no élo de teus braços,  
Nos lindos olhos teus cravar os meus olhares  
Dizendo : que m'importa a vida e seus pezares  
Si tenho quem me guie os vacillantes passos ?

Quizera te cercar d'um mundo de cuidados,  
Depôr em teu caminho os lyrios dos affagos,  
Enflorar-te a existencia e dar-te os sonhos vagos  
Que formam os vergeis dos paços encantados.

Eu quizera. eu quizera e tanta gentileza  
Real se tornaria, oh languida menina,  
Se vogasses comigo em gondola divina  
Pelas vagas do amor, do gozo na Veneza!.

Setembro — 1876.



## O NOSSO PAE

**D**A modesta matriz na velha torre esguia  
Resoam tristemente uns toques agoirentos:  
Perante o pobre altar da escura sacristia  
O vigario se inclina e enverga os paramentos.

O toque continua e após alguns momentos  
De extensa procissão se agrupa a confraria:  
Niveas tochas levando o povo á passos lentos  
Caminha atraz do pallio em sancta romaria.

Modula a multidão monotonas toadas  
Cujo som se elevando aos poucos, gravemente  
Nas quebradas da serra, — além perder-se vae!

Da triste campainha ás longas badalladas  
Prosegue a procissão: ao vel-a toda a gente  
Se ajoelha murmurando: é elle! é o Nosso Pae!



## DIVA

---

**Q**UANDO vejo-a no templo orando com tristeza,  
Contemplo a meditar  
Seu rosto peregrino e os toques de belleza  
Da sancta lá do altar.

Então, na scisma insana, em uma só confundo  
Essas duas visões :  
A' um tempo á ella e á sancta em extasis profundo  
Dirijo as orações.

Meu triste pensamento, unguido de respeito,  
Tem crença no porvir  
E a vaga de prazer que róla no meu peito  
Se espraia n'um sorrir.

E' que bondosa e meiga a virgem que contemplo  
Sancta e pura é tambem :  
— Nos olhares um ceu e na minha alma um templo  
Como a outra ella tem.

São iguaes na pureza e ambas tem mysterios  
Na tristeza fatal :  
Escutando talvez os sons vagos, ethereos,  
D'um canto divinal.

Si a virgem lá do altar ao crente vae lembrando  
Os poemas da cruz,  
A outra na expressão do gesto ameno e brando  
Nos recorda Jesus.

Uma, n'alma desbrocha a crença luminosa  
D'infinito prazer;  
A' mortos corações a outra, milagrosa,  
De amor faz reviver.

Se aquella nos infunde o ardor divino e puro  
Que supera o escarceu,  
A outra faz scismar na gloria e no futuro  
Nas venturas do ceu.

Minha crença, portanto, ás duas só deseja  
Render o seu fervor :  
— Dar preito verdadeiro á sancta lá da igreja  
E á outra... o seu amor !



## NOSTALGIA

---

**A** tua fronte linda,  
Menina divinal,  
Diviso magoa infinda  
Pairando perennal...

„Mas diz-me : d'onde é vinda  
Tristeza tão fatal  
Si tua vida ainda  
Sorri-se festival?.

„Que dôr, pois, te consome?  
D'algum desejo ardente  
Te envolve o negro véu?“

— Surpreza ella fitou-me,  
Sorriu-se tristemente,  
Depois mostrou-me o céu!



## TRISTEZAS

UANDO voga o batel das esperanças  
De minhas scismas pelas ondas mansas,  
Serenos á deslizar,  
E o sol da crença lhe doirando os mastros  
Faz com que deixe luminosos rastros  
Na lisa flôr do mar,

E a brisa da illusão lhe enfuna as vellas  
Que são aspirações vivas e bellas,  
De brancas á luzir,  
E nos seus bordos rumorejam vagas  
E elle busca attingir as longes plagas  
Das crenças do porvir,

E servem de equipagem sonhos bellos.  
Levando por bandeira dos anhellos  
O fulgente pendão,

E é prôa cortadora a mocidade,  
Leme o trabalho, bussola a verdade,  
Piloto o coração,

Assoma ás vezes um pharol brilhante  
Da gloria um raio fugitivo, errante  
Que me guia e conduz ;  
— Navega então a barca em mar seguro  
Parecendo que as plagas do futuro  
Se irradião de luz !

Que lindos brilhos ! Que illusões mimosas  
Caminha o meu batel por mar de rosas  
E por vagas de anil ;  
Sopra banzeira a viração serena,  
O sol projecta claridade amena  
Na prôa senhoril !

Que quadro encantador ! Dos desvaneios  
Os lindos bandos de attractivos cheios  
Revoejam além ;  
Da fama a esteira mais atraz scintilla :  
O mar é calmo, a viração tranquilla  
O céu calmo tambem !

Mas logo tudo muda : o mar se turva,  
Se occulta o sol na tenebrosa curva  
Que esconde tredos ais ;

Se enfumam té romper as brancas vellas  
E soluça a nortada das procellas  
    Dos desgostos fataes.

Tacteia a barca sem fanal, sem norte,  
Tremeluz da descrença o raio forte  
    Com estranho fulgor !  
Palledeja o corisco das porfias,  
Rebramem os trovões das agonias  
    Com horrivel fragor.

Negrejam horizontes, céus e mares  
Pois as trévas de magoa e dos pezares  
    Accorrem em tropel ;  
Se alteia o vagalhão dos desalentos  
E no abysmo dos torvos pensamentos  
    Sossobra o meu batel.

Agosto — 1876.



## MYSTERIO

---

**Q**UANDO as vezes descae-te a fronte pensativa  
**E** vogas no batel da scisma feiticeira,  
Ouvindo embevecida a voz da patativa  
Que trina voejando em torno á laranjeira,

Tu'alma desatando o laço que a captiva  
Deixa um pouco teu corpo — evola-se ligeira,  
E no tempo em que estás immovel, semi-viva,  
Divaga pelo espaço — errante aventureira :

Então bem como a luz que attrahe a mariposa,  
A chamma da paixão faz vir teu pensamento  
Que em roda de meu ser começa a volitar ;

E a tremedora voz de um peito que não ousa . . .  
Murmura que te vota um vivo sentimento  
Do qual depois te resta um vago recordar !.

Outubro — 1876.



## IRONIAS

---

**Q**UE paz e que ventura  
No rosto se presente,  
Que mystica doçura  
Na fronte resplendente ;

Feliz o olhar fulgura  
Serena e ledamente  
E o labio só mumura  
Canções de um'alma crente!...

Que calma e doce encanto!  
Que efluvios de alegria  
Que riso festival!..

E dentro no entretanto  
(Meu Deus quanta ironia!)  
Rebrame o vendaval.

Setembro -- 1876.



# ELIA

---

A' DULCE

**E**LIA, a menina travessa,  
Demonio em corpo de archanjo,  
Cuja pequena cabeça,  
— Onde fôr que ella appareça,  
Quer pôr tudo em desarranjo,

Hontem chorava sentida  
Sem a constante alegria :  
Soluçava commovida,  
Tendo a face humedecida  
Pelo chorar de agonia,

Ao vel-a assim suspirosa  
Fui perguntar-lhe sorrindo,

Que nuvem calamitosa  
Turbára o céu côr de rosa  
Do seu viver puro e lindo.

Olhou-me cheia de espanto  
Mas me vendo attento ouvinte  
Entre soluços e pranto  
Mas sempre rica de encanto  
Contou-me a historia seguinte :

„ No meu pequeno aposento  
Formosa joven vivia ;  
De boniteza um portento,  
Nas horas de isolamento  
Me fazendo companhia.

Comigo ha muito morava  
De Babel na miniatura! . . .  
Humilde qual unia escrava  
As magoas compartilhava  
De minha existencia escura!

Que carinha feiticeira  
Que feição correctá e rara.

Mesmo a botina faceira  
Da famosa Borralleira  
No seu pé grande ficára.

Dos pygmeus as meninas  
Não eram, não, mais mimosas!  
Suas faces peregrinas  
Tinham as côres divinas  
Das assucenas e rosas.

Nas covinhas de seu rosto  
Assetinado e marmoreo,  
Fosse alvorada ou sol posto,  
Luzia a expressão de gosto  
Dos sanctos lá do oratorio.

Vivia sempre calada,  
Pouco sujava os vestidos;  
Mas quando a punha assentada  
Da boquinha descerrada  
Sahiam debeis gemidos.

Sempre tranquillã e serena  
Não tinha fome nem sêde,

Passava a existencia amena  
Deitada em cama pequena  
Pendurada na parede.

Sem sentir calor nem frio  
Sorria sempre contente!  
Que collo branco e macio!  
Jámais um disco sombrio  
N'aquella fronte innocente!

Vivia como rainha  
Tendo cultos de Madona:  
Pois da bella coitadinha  
Era amiga, mãe, madrinha,  
Companheira, mestra e dona!

Punha-a ás vezes na janella,  
Na hora em que o sol desponta;  
De minha alcova singella  
Quando eu sahia era ella  
Quem ficava a tomar conta.

Nascêra lá no estrangeiro  
D'onde pequena viera!

Comprei-a com meu dinheiro...  
Oh! que affecto verdadeiro  
Que sympathia sincera!

Mas hontem. que negro fado!  
Tirando um livro da estante,  
N'um movimento estouvado,  
Seu bercinho pendurado  
Foi ao chão no mesmo instante!

Quasi que fiz em pedaços  
A culpada bibliotheca.  
Quiz affagal-a em meus braços  
Mas só achei estilhaços  
Da espedaçada BONECA!!

Outubro — 1876.



## EGOISMO E SPLEEN

---

**T**odos adoram *seus* sorrisos ledos  
Seu ar contente que prazer traduz,  
Quando no gozo d'infantis folguedos  
Brilha seu rosto com serena luz.

Mas eu prefiro *seu* chorar sentido  
Qu'exprime os trances de cruel penar,  
Quando no pranto com ardor vertido  
Se empana o brilho de seu lindo olhar!

Sigo constante seu celeste vulto  
Se a fronte sua tem signaes de dôr,  
Mas. delle fujo com pezar occulto  
Se acaso ostenta jovial fulgor!

Sim! quando vejo n'alegria immersos  
Os dois luzeiros que sam olhos *seus*,  
Digo descrente : Como saõ diversos  
Seus risos ledos dos prazeres meus!.

Mas quando chora com sentidos prantos,  
Soltando queixas que sinceras são,  
Crente modulo da esperança os cantos,  
— Pois nossos fados são iguaes então!

Julho — 1876.



## SUZANNA

o corpo de Suzanna a lympha da corrente  
Envolve n'um abraço e beija docemente.  
As ondas do regato ás ondas do cabello  
Osculam á gemer.. talvez de fundo zelo..

A vaga quer cubril-a : — em volta se avoluma..  
Qual tem maior nlvura, o corpo ou a branca espuma?

No collo alabastrino as aguas murmurantes  
Desatam um collar de gottas scintillantes.

Na fronte diviual explendem diademas  
De pingas cujo brilho imita finas gemmas.

No alveo do regato areia fina e clara  
Ao pé da linda hebréa encobre rica e avara

Se acaso a seductora o corpo seu mergulha  
O rio arfa e se alteia.. após triste marulha.

Da bella israelita aos languidos sorrisos  
Respondem do regato os palpitantes frisos

Mas nisso de repente — além, dentre os palmares  
Scintillam sobre ella uns lubricos olhares,

Medrosa ella estremece e cheia de receio  
Occulta com a mão o peregrino seio.

Nas faces o rubor, levada pelo espanto,  
Mergulha e logo a vaga envolve-a qual um manto.

Depois do banho sae, confusa e amedrontada,  
Levando gottas mil na pelle assetinada.

Traduz-se em seu semblante um medo que contrista:  
As vestes vae buscar da plaga entre os abrolhos:  
Julgando que não vêr tambem é não ser vista  
Encruza as mãos no seio e fecha os lindos olhos !



# QUE SÃO OS AMIGOS

---

## FABULA

---

A. SEVERINO P. RESTES

---

### I

UMA grande cidade outr'ora havia  
Um homem tão repleto de dinheiro,  
Que por bocca pequena se dizia  
Não viver outro equal no mundo inteiro.

Um luxo fabuloso elle ostentava  
Dando bailes, banquetes e jantares,  
Tinha baixellas ricas e contava  
Amigos e parentes aos milhares.

Todos elles juravam-lhe á miudo  
Verdadeira affeição, pura amizade,  
Dizendo que contasse em tudo. em tudo  
Com a mais cordial fidelidade.

E o rico varão nos seus negocios  
Successos alcançava sem rivaes,  
Amigos, relações, parentes, socios  
Possuindo tambem cada vez mais !

## II

Veio um dia, porem, em que a fortuna  
Cessou de conceder-lhe protecção,  
As costas lhe volveu inoportuna  
Sem dar disso a menor satisfação.

Encobrio-se-lhe o céo que de esperanças  
Risonho se mostrára tantas vezes  
A desdita chegou ! Suas finanças  
Soffreram, sempre a mais, grandes revezes.

Mas um facto que vae sem commentario  
Entretanto com elle acontecia,  
Era : á cada revez pecuniario  
Um amigo ou parente lhe sumia !

De tal sorte isto foi que quando nada  
Das antigas riquezas lhe restou,

Procurando o coitado uma pousada  
Quem abrigo lhe desse não achou!

Dos amigos que tinha na opulencia  
Nunca mais nem um só pode encontrar,  
Por isso totalmente na indigencia  
Viu-se o triste obrigado a mendigar.

Porém mais infeliz que os outros pobres  
Compaixão não movia de ninguém :  
Lembravam-lhe a riqueza e os idos cobres  
Recusando-lhe dar nem um vintem ! ! . .

### III

Um dia inteiramente desvalido  
Sem mesmo possuir o que comer  
Do que tinha nos bolsos escondido  
Inventario lembrou-se de fazer.

D'algibeiras o exame procedia  
Com tristonho vagar e lentidão,  
Quando um brado soltou, mas de alegria,  
Por achar bem no fundo um velho pão!

Disponha-se á comer-o satisfeito  
Quando ouviu juncto a si triste ladrar.  
Voltou-se e viu um cão magro desfeito.  
Que logo conheceu sem mais tardar.

Era um galgo gentil seu favorito  
No tempo das riquezas que perdera,  
Que apesar de encontral-o roto, afflicto,  
No meio da miseria o conhecera.

Ao pobre commoveu do velho amigo  
A fiel affeição nos outros rara,  
Pois todos se affastavam do mendigo  
Só elle ao vel-o assim não se apartára.

Por isso embora a fome fosse dura,  
Comquanto só tivesse um triste pão,  
Para dar uma prova de ternura  
Resolveu dividil-o com o cão.

Mas este approximou-se sorrateiro  
Quando o velho a partilha ia fazer :  
— Deu um bote : agarrou no pão inteiro  
E depois retirou-se á bom correr !

Então o velho fraco e esfomeado  
Exclamou com pezar muito profundo :  
“ Eis aqui qual é sempre o resultado  
“ De fiar-se em amigos neste mundo. „

Abri! — 1876.





# ÍNDICE

## PRIMEIRA PARTE

---

|                         | PAGS. |
|-------------------------|-------|
| Devaneios .....         | 3     |
| Mãe .....               | 5     |
| Dolce pena.....         | 9     |
| O anjo do lar.....      | 10    |
| Scena da roça.....      | 13    |
| Constancia.....         | 14    |
| Reverie .....           | 16    |
| O velho.....            | 17    |
| A Esmolada.....         | 19    |
| A Avó.....              | 20    |
| A phthisica.....        | 21    |
| As orações.....         | 23    |
| Na missa.....           | 25    |
| Innocencia.....         | 26    |
| Na fazenda.....         | 28    |
| A moça que não ria..... | 29    |
| Rosa .....              | 31    |
| Candida.....            | 33    |
| Irmãos.....             | 35    |
| Realismos.....          | 36    |
| Engano .....            | 41    |
| A' J.....               | 43    |

---

## SEGUNDA PARTE

---

|                          | PAGS. |
|--------------------------|-------|
| Darkness. ....           | 49    |
| Miniatura.....           | 51    |
| No Templo.....           | 53    |
| Sadness.....             | 55    |
| Modernices.....          | 56    |
| A' Antonio Pedro.....    | 58    |
| A lamparina.....         | 60    |
| A locomotiva.....        | 63    |
| Delirio.....             | 64    |
| Vozes intimas....        | 65    |
| O Nosso Pae.....         | 73    |
| Diva.....                | 74    |
| Nostalgia.....           | 76    |
| Tristezas.....           | 77    |
| Mysterio.....            | 80    |
| Ironias.....             | 81    |
| Zelia. . . . .           | 82    |
| Egoismo e spleen.....    | 87    |
| Suzanna.....             | 89    |
| O que são os amigos..... | 91    |

---

Typ. Hildebrandt, r. da Alfandega 87, sobr.

## ADVERTENCIA

Não obstante o esmero do trabalho typographic e o cuidado que houve na revisão das provas deste opusculo, escaparam, infelizmente, dous erros que alteram em muito o sentido das estrophes em que se acham.

São elles : — O primeiro na composição intitulada : — *A moça que não ria* — á pag. 29, onde, no segundo verso da terceira quadra lê-se :

— Sem fazer de *desgostos* um movimento

Dever-se-ha lêr :

— Sem fazer de despeito um movimento.

O outro é na poesia : — *A J.* — á pag. 43, em cujo primeiro verso :

— Luz que *cegou* scintillando esquiva  
claramente se vê que foi omittida a palavra  
— *me* — e que, portanto, o verso deve ser :

— Luz que *cogou-me* scintillante esquiva.

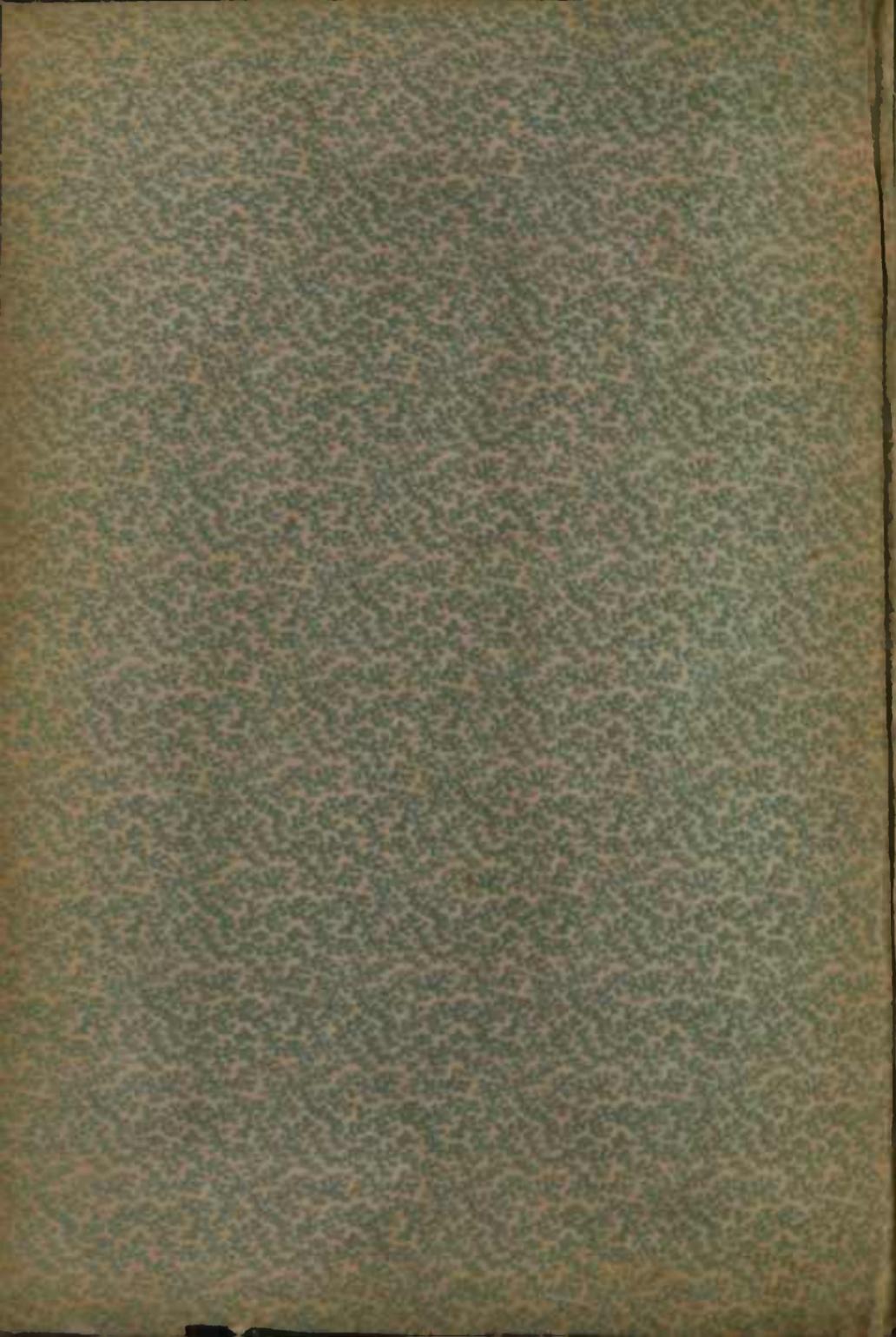
Esperamos que o leitor intelligente relevará estes pequenos senões e outros que por ventura encontrar.













## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).